

O QUE DE ROSA HÁ EM PAGU: INFLUXOS REVOLUCIONÁRIOS FEMINISTAS NO BRASIL

JESSICA ANTUNES FERRARA*

RESUMO

O objetivo deste breve estudo é reler as proposições de Rosa Luxemburgo aplicadas às experiências da escritora e militante brasileira Patrícia Galvão, a Pagu, considerando o impacto que pensadoras revolucionárias tiveram sobre a formação político-ideológica da modernista. Embora Pagu não tenha explicitado se de fato lera as obras da revolucionária polonesa, de acordo com críticos como Antônio Risério (2014, p. 35), ela pode ser considerada uma espécie de Rosa Luxemburgo brasileira, observando, é claro, suas particularidades de pensamento e de atuação política em um determinado contexto. Será necessário, portanto, traçar uma trajetória histórica que nos permita encontrar os influxos, as especificidades e os conflitos que dão o tom de toda forma comparativista de análise. É meu objetivo compreender de qual maneira as proposituras de Rosa foram deglutidas por Pagu, ao mesmo tempo em que procuro vislumbrar novas práticas que permitam a ação direta das mulheres no campo político brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Rosa Luxemburgo; Pagu; mulheres revolucionárias; campo político brasileiro.

ABSTRACT

The objective of this brief study is to review Rosa Luxemburg's proposals applied to the experiences of the Brazilian writer and activist Patrícia Galvão (Pagu) considering the impact that revolutionary thinkers had on the political-ideological formation of the modernist. Although Pagu did not make explicit if he read the works of the Polish revolutionary, according to critics like Antônio Risério (2014, p.35) she can be considered a kind of Brazilian Rosa Luxemburg-observing the particularities of her thought and of her political action in a certain context, of course. Therefore, it will be necessary to trace a historical

* Doutoranda em Estudos Literários – Literatura, Crítica e Cultura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre (2019) em Estudos Literários – Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais também pela UFJF. Graduada em Letras (2016) com ênfase em Literatura em Língua Portuguesa. Atualmente desenvolve pesquisa com foco em Literatura Comparada, Crítica Social e Estudos de Gênero na América Latina. E-mail: j.antunesferrara@gmail.com

trajectory that allows us to find the inflows, the specificities and the conflicts that give the tone of every comparative form of analysis. It is my goal to understand how Rosa's proposals were swallowed up by Pagu, at the same time as I try to envision new practices that allow the direct action of women in the Brazilian political field.

KEYWORDS: Rosa Luxemburg; Pagu; revolutionary women; Brazilian political field.

APRESENTAÇÃO

Duas jovens com ideias revolucionárias cujo contexto e o tempo as separam. Perspectivas, ações e ideais políticos que procuravam derrubar o sistema vigente, um sistema que explora, que oprime. Elas mesmas em condições adversas por serem mulheres, com as vozes abafadas pelos adversários e por muitos daqueles que diziam compartilhar da ideologia que as imputavam à luta. Apesar das especificidades de ambientes de ação, Rosa Luxemburgo e Patrícia Galvão, a Pagu, muito podem oferecer quando compreendidas a partir de uma visão que as aproxima, que desmistifica suas figuras e que estimula novas formas de atuação nos dias atuais. Em tempos em que a guinada ao reacionarismo é evidente, seja a nível nacional ou internacional, trazer à tona trajetórias e proposições daquelas que outrora lutaram contra os mesmos antagonistas que nos assolam agora, é como um convite à reflexão e à ação política. Um convite à liberdade, à revolução.

A vida de ambas as militantes foi um retrato da luta e da resistência das mulheres de todo o mundo. Tentativas de deslegitimação do discurso político foram práticas que não faltaram. Práticas que pretendiam parar o ímpeto de mudança que inflamavam em quem pudesse e quisesse realmente ouvi-las. Através delas, de seus discursos, de suas ações em vida e do legado revolucionário que deixaram, é possível com que contestemos não apenas o capitalismo enquanto sistema econômico, mas também as práticas sociais adjacentes a ele. Isso se explica pelo fato de que todas as relações sociais, bem como os mecanismos que as possibilitam, são sempre de base ideológica e correspondentes a um determinado sistema histórico-material. De acordo com as postulações de Karl Marx e Friedrich Engels em *A ideologia alemã*:

a maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende,

portanto, das condições materiais da sua produção (MARX; ENGELS, 1998 [1845], p. 11).

Se o sujeito se forma no e pelo aparato histórico material que o sustenta, suas relações também se darão nesse contexto. Conforme aponta Michel Foucault, o que se deve entender por relação enquanto constituição do sujeito é “não apenas a [relação] que temos com nossa própria individualidade, mas a que temos com os outros, na medida em que também são nós mesmos” (FOUCAULT, 2016, p. 13). Desta forma, somos capazes de compreender que a formação dos sujeitos é relacional e processual, dada por práticas históricas que se perpetuam ou transmutam em correspondência com as bases materiais da sociedade.

Considerando o influxo da União Soviética na formação e organização dos partidos comunistas da América Latina (LÖWY, 1999, p. 14), veremos que Pagu, ao se associar ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), sofreu com a prática política um tanto quanto mecânica adotada pelo partido como resultado da burocratização soviética, porém, teve como recompensa o contato e a absorção de muitas ideias expostas pelas mulheres revolucionárias, incluindo Rosa Luxemburgo. Por isso, não seria impróprio colocá-las em diálogo; aproximação e em tensão. Tensão por estarmos tratando de contextos histórico-materiais diferentes, aproximação porque ambos exigem a mesma firmeza de posição e convicção na luta. A militância socialista é uma coisa em comum, apensar de terem pensado o socialismo a partir de duas realidades díspares – e, o mais rico em suas concepções, é que tinham a noção dessas diferenças e da conseqüente impossibilidade de se adotar uma perspectiva dogmática e essencialista das teses anticapitalistas. Rosa, por exemplo, começa a entrar com contato com o movimento socialista ainda sob o czarismo, precisando pensar em problemas como a autodeterminação dos povos, a conscientização da classe camponesa e a guerra. Já Pagu, atuando nos tempos da presidência de Getúlio Vargas, se concentrava em travar uma luta contra um regime que

retirou o Brasil do ‘atrasado’ modelo agrário-exportador e o conduziu ao proclamado mundo urbano industrial. Além disso, brindou a burguesia com financiamento e infraestrutura e o nascente proletariado com leis trabalhistas, tudo isso em troca de controle e obediência, apenas (JOVIANO, 2014, p. 117-118).

O imperialismo e questão da colonialidade batiam à porta. Rosa fez inúmeras considerações sobre o imperialismo em *A acumulação do capital* (1913), obra na qual expôs minuciosamente as manifestações típicas do processo. Pagu, ao seu turno, amargara a sobrevivência imperialista pós-descolonização territorial. Como explica Edward W. Said (1995, p. 40) ao atualizar o termo, mesmo que o colonialismo direto tenha se findado, o imperialismo ainda se faz sentir onde sempre se sentiu, mediante uma cultura geral pautada em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais que instituem a necessidade de manter certos povos em dependência. Nesse diálogo travado entre os contextos e as gerações, percebe-se que a partir de uma minuciosa análise histórica Rosa Luxemburgo prenunciou os malogros sofridos no período de Pagu.

Dito isso, importa-nos fazer ressurgir essas duas figuras em uma necessidade dialética – para não cairmos nas falsas identidades fixas instituídas pelo capitalismo – que se apresenta atualmente. Conforme Diana Assunção aponta no prólogo à edição brasileira da obra de Paul Frölich, *Rosa Luxemburgo: pensamento e ação* (2019, p. 11), “mais do que nunca, é preciso afiar as armas da crítica para servir de contraponto às ideologias que estão a serviço da perpetuação da dominação e da espoliação capitalista”. Em um cenário ultraliberalista que se constrói no Brasil, é indispensável oferecer suportes e instrumentos teóricos que auxiliem na compreensão e no combate das múltiplas formas de exploração e opressão que são normativizadas no país. Devemos fortalecer o nosso entendimento, nosso argumento e nossa luta; é para isso que reavivamos, hoje, Rosa Luxemburgo ao lado de Pagu. A força de ambas se demonstrou desde a concepção crítica sobre as organizações partidárias à compreensão profunda dos preceitos revolucionários. Enfrentaram todo tipo de infortúnio e obstáculo, e com a força de suas ideias, as quais as impulsionavam a lutar e resistir, se tornaram grandes mulheres revolucionárias em seus contextos e períodos de atuação, verdadeiras protagonistas políticas de suas épocas.

ENCONTROS E DESENCONTROS: O PONTO DE INTERSEÇÃO REVOLUCIONÁRIO

Nos fundos de uma fábrica no bairro do Brás, São Paulo, a família brasileira “de mentalidade pequeno-burguesa”, conforme a própria Pagu aponta em *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de*

Patrícia Galvão (2005, p. 56-57), reverberava na esfera privativa práticas históricas que domesticavam o corpo e o comportamento da jovem Patrícia. Exercendo um controle extremo sobre suas ações, o pai e o modelo familiar patriarcal-burguês tolhiam suas iniciativas artísticas e revolucionárias. Como é sabido, as famílias de “mentalidade pequeno-burguesa” correspondem às que compartilham o pensamento com sujeitos que, na explicação de Marx em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (1852), constituem uma “classe de transição, na qual os interesses de duas classes se embotam de uma só vez” (2011 [1852], p. 67). Isso quer dizer que aqueles que se apresentam enquanto pequeno-burgueses são, a um só tempo, representantes das aspirações populares e também burguesas, as quais se associam de tal maneira porque são eles os formadores de uma classe de aspiração que se empenha sem descanso pela integração total à burguesia (KONDER, 2000, p. 84). Marx e Engels ainda postulam no *Manifesto Comunista* (1848) que a constituição e relação familiar burguesa resulta diretamente das relações de produção que mantêm e perpetuam, sustentada nos princípios do funcionamento do capital e do benefício individual. Nessa perspectiva, compreendemos que a base das relações familiares burguesas é a exploração, o aproveitamento abusivo e a opressão. A família de Pagu, tal como a maioria das famílias pequeno-burguesas ou de mentalidade pequeno-burguesa, agia de modo a refletir esse modelo. A educação da menina fora determinada pela sociedade que a circundava, na qual a criança é dominada pelos pais e as mulheres são todas consideradas apenas como instrumentos de produção (MARX; ENGELS, 2005 [1848], p. 55-56).

Essa sociedade desenhada na trajetória de Pagu e o tipo de educação dela conseqüente são pontos importantes de serem considerados na formação da artista e militante. Ainda sobre a questão da burguesia e da pequena-burguesia, devemos nos atentar para a particularidade brasileira. Compreendendo que o capitalismo na América Latina não tenha sido dado da mesma forma do que no contexto europeu¹, nem a burguesia nem a pequena-burguesia brasileira poderiam ser idênticas àquelas surgidas na

¹ Michael Löwy, em sua introdução à antologia *O marxismo na América Latina* (1999), postula que muitos teóricos apontam que a implantação do capitalismo na América Latina fora diversa daquela observada no processo dado na Europa e que, portanto, trouxe conseqüências diferentes para os povos. Para eles, “a causa do subdesenvolvimento, da desigualdade regional e da profunda miséria do campesinato não é o feudalismo, mas o caráter particular que o capitalismo assumiu na América Latina (formas coloniais e, depois, semicoloniais ou dependentes)” (LÖWY, 1999, p. 12).

Europa. Florestan Fernandes, em *A revolução burguesa no Brasil* (2006, p. 293), explica sobre a especificidade da instauração do capitalismo em nosso país, destacando a ocorrência do processo tardio de industrialização que fez com que a burguesia emergente não encontrasse meios para ganhar autonomia. É dessa conjuntura que parte as críticas de Pagu, as quais começam a tomar forma quando se associa ao movimento antropofágico e, depois, quando se filia ao Partido Comunista Brasileiro, o PCB.

Em outra realidade material e em outro momento histórico, crescia a polonesa Rosa Luxemburgo. Sob um regime autoritário absolutista característico do Império Russo, convivia com a miséria ao seu redor e com a dominação estrangeira dada pela “russificação” da Polônia (FRÖLICH, 2019, p. 21). O cenário era comum ao processo de acumulação primitiva necessário à imposição do capitalismo, e também ocorreu, apesar das particularidades coloniais, nos países latino-americanos. A filósofa italiana Silvia Federici (2017, p. 380) pontua que, em ambos os locais – Europa e América Latina – ocorreu uma expulsão violenta das populações de suas terras. Ademais, deu-se um empobrecimento dessas populações, bem como uma efetiva cristianização que acabou com a autonomia dos povos e dos sujeitos, fato que deteriorou as relações comunais. Houve também uma “influência recíproca entre os dois processos” (2017, p. 380), o que foi elucidado, mais tarde, pela própria Rosa Luxemburgo. Mesmo com essas consonâncias, Federici chama a atenção para que as diferenças não sejam subestimadas.

Na Polônia, Rosa sentia na pele a perseguição antissemita – os Luxemburgo eram uma família de judeus em um contexto em que os judeus sofriam com a intolerância. Conforme afirma Frölich, fora do estado de pobreza material e intelectual comum naquele tempo na Polônia, existia um círculo de intelectuais e de comerciantes que se agitavam contra o sistema reinante. A família de Rosa estava inserida nesse grupo, e seu avô, tendo já conhecido certa prosperidade,

proporcionou a seus filhos uma educação moderna, enviando-os a escolas de comércio em Berlim e Bromberg. O pai de Rosa trouxe de lá concepções liberais, interesse pelo o que acontecia no mundo e em especial pela literatura da Europa Ocidental. Ele se tornou estranho ao gueto rigoroso e à fé judaica ortodoxa, mas serviu a seu modo ao seu povo mediante a promoção de aspirações culturais (FRÖLICH, 2019, p. 22).

Percebe-se que a formação oferecida pela família de Pagu e pela família de Rosa tiveram uma base diferente, sendo aproveitadas de maneiras peculiares pelas militantes. Pagu chega mesmo a dizer que sua educação familiar não servira de nada: “A educação que recebi nada significou para mim. Se crescesse só, apenas não existiria o choque nas paredes profundas de incompreensão entre mim e minha família” (GALVÃO, 2005, p. 65). Logo, a atitude de Pagu fora mais de evasão do que de extensão e desdobramento das concepções oferecidas pelos pais. Isso é sintomático se pensarmos não apenas na construção das subjetividades femininas ao redor do mundo, mas também na construção das subjetividades masculinas em contextos díspares – o pai de Rosa *versus* o pai de Pagu.

Apesar dessas diferenças no convívio e influência familiar, ambas foram precoces nas letras, e a literatura poderia ter sido um outro ponto de interseção entre as duas. Rosa teve uma boa educação e com cinco anos de idade já sabia ler e escrever e, ainda na infância, escreveu espécies de “ensaios literários”. A mãe, segundo Frölich, estimulou o desenvolvimento intelectual da menina, e o “lar dos Luxemburgo era repleto de cultura polonesa e alemã e de amor por sua poesia” (2019, p. 24). Muito diferente da família de Pagu. A mãe jamais poderia oferecer tal estímulo porque fora ela mesma criada e formada dentro de uma domesticidade feminina muito pungente nas Américas. Em relação à educação, Pagu também fora precoce, mas deve-se destacar que se tratava de uma rara exceção, já que a educação no Brasil era falha e desigual para meninos e meninas (ROSEMBERG, 2013, p. 279). Tendo recebido uma educação substancialmente acima da média daquela oferecida à maioria das mulheres brasileiras de sua época, tomou aulas no “Curso Normal na Escola do Brás, ao mesmo tempo que frequentava, no Conservatório Dramático e Musical, cursos de Literatura e Arte Dramática” (TEIXEIRA, 2016, p. 122). Isso destaca que o contato com a literatura, sua principal ferramenta revolucionária, e com outras artes, vinha desde os tempos de colégio. Não é sabido com precisão quando Pagu começa a escrever, mas parece ter sido ainda na adolescência, quando querendo se desvencilhar das amarras da família de mentalidade pequeno-burguesa e patriarcal, conheceu os antropofágicos Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Raul Bopp. De acordo com Antônio Risério,

o nome de Pagu é ouvido pela primeira vez em 1929, quando, adolescente de dezoito anos de idade, ela frequenta o ambiente

contestatório do movimento de *antropofagia*, comandado pela desinibição estética e cultural de Oswald de Andrade. Mais exatamente, Pagu estreia, como colaboradora, na segunda fase – “segunda denteição” – da *Revista de Antropofagia*, detalhe importante, pois só nessa segunda fornada o movimento ganha contornos e corpo, superando o ecletismo e a superficialidade de seus momentos iniciais (2014, p. 33).

Depois, o movimento da antropofagia vai se separar em dois grandes blocos de viés políticos distintos, e Pagu integrará, ao lado de Oswald, o grupo ligado aos preceitos comunistas e ao PCB. Rosa, que passara não apenas pela segregação de gênero, mas também pelo hostil tratamento dado aos judeus e poloneses na escola, desde cedo viu-se imersa na oposição ao absolutismo e na luta pelos direitos daqueles que se encontravam subjugados na sociedade. Segundo Frölich, “[...] logo depois de sair do ginásio em 1887 [1886], Rosa Luxemburgo passou a atuar no Partido Socialista Revolucionário Proletariats” (2019, p. 25). Todo esse contexto de formação e ingresso de Rosa no movimento revolucionário se diferencia muito do de Pagu, dada as especificidades dos campos social e político brasileiro e polonês. Os caminhos que as levaram ao socialismo foram diversos, encontrando um ponto de interseção nas propostas e nas ações revolucionárias. Mesmo assim, a militante brasileira é considerada “a Rosa Luxemburgo que temos” (RISÉRIO, 2014, p. 35). No próximo item, portanto, pretende-se elucidar essa comparação no próprio pensamento político de ambas as mulheres. Afinal, o que de Rosa há em Pagu? É necessário, pois, que se analise.

CONFLUÊNCIAS DE PENSAMENTO E DE PRÁXIS POLÍTICA

Baseando-se em suas próprias experiências, Rosa se ocupou, com muito sentimento, de toda a luta que partia dos povos oprimidos, ainda que no período inicial tivesse pouco conhecimento teórico. Tal afeição à luta fora compartilhada por Pagu desde cedo, embora também pouca consciência teórica tivesse naquele tempo, conforme ela mesma explicita:

Presenciava manifestações e greves e, se nesses momentos tomava partido, era um *parti pris* sentimental e, se exaltadamente acompanhava os movimentos, era por pura satisfação de meus sentimentos, à margem de qualquer compreensão ou raciocínio. [...]. Era, naturalmente, contra os padrões, como se não pudesse ser de

outra forma, mas nunca pesquisei o motivo e nem as causas ou razões da luta de classes (GALVÃO, 2005, p. 57).

Foi apenas mais tarde, com sua participação no grupo modernista, sua viagem a Buenos Aires e, principalmente, com suas conversas com Luís Carlos Prestes, que entra em contato com autores como Marx e Engels e decide estudá-los com afinco. Rosa, por sua vez, conhece tais obras quando passa a atuar mais enfaticamente pelo Proletariat. Em 1889 deixou a Polônia porque o grupo com o qual atuava havia sido descoberto e ameaçado pelas forças governamentais (HUDIS; ANDERSON, 2004, p. 8). Foi para Zurique, local onde encontrou milhares de intelectuais e estudantes focados no tema da revolução e dispostos a muitas conversas e discussões. Rosa, entretanto, “reagia com um sorriso irônico a esses debates que não levavam a nada. Estava tomada por uma avidez pelo trabalho” (FRÖLICH, 2019, p. 30). A militante não se satisfazia com conjecturas; queria a práxis política. Da mesma maneira Pagu se apresentava, dizendo o quanto eram “enfadonhos” os encontros com a vanguarda intelectual latino-americana (GALVÃO, 2005, p. 72). Almejava o engajamento prático, a ação política. Por isso, é nessa mesma época (1931) que se filia ao PCB e começa sua tentativa de fazer parte ativamente do Partido.

Nesse caminho, o relacionamento de Pagu com Oswald fora importante tanto para sua conscientização política de esquerda – ele lhe apresentava toda a sorte de teóricos socialistas que conhecia (GALVÃO, 2005, p. 61) – quanto para sua literatura e seu feminismo. É aquilo que expomos no início deste estudo: as relações são frutos e construtos do sujeito e, por isso, nos importam. Para Rosa, também foi imprescindível a ligação que manteve com o revolucionário polonês Leo Jogiches, tanto a nível emocional quanto político, já que se mantiveram parceiros de luta até o fim, ainda que os laços amorosos já tivessem sido rompidos (HUDIS; ANDERSON, 2004, p. 8). Leo e Rosa se conheceram em Zurique por volta de 1890, em um momento em que o ideário socialista passava por um processo de reformulação; lá atrás, quando Rosa entrara para o Proletariat, o partido vivia de “restos” por conta de uma desagregação sofrida em 1885 e 1886. Nesses pequenos círculos que resistiram foi onde Rosa estudou e buscou sua formação nas teorias sociais. Mais tarde, o partido se reorganizou e, dos esforços em torno dessa reorganização, originou-se a Liga Operária Polonesa. Depois, o Proletariat e a Liga se juntaram no Partido Socialista Polonês, na intenção de montarem uma linha de frente

mais fortificada (FRÖLICH, 2019, p. 37). Dito isso, a atuação de Rosa foi essencial para essa reorganização do movimento revolucionário polonês. Nas argumentações que fazia contra as tradições do Proletariado e do simplificado economicismo da Liga, ela sempre partia do mesmo princípio: a ação consciente das massas. Se contrapunha veementemente ao dogmatismo marxista que era observado dentro do movimento, e, como veremos, essa é uma característica em comum de Rosa e Pagu. A questão principal abordada pela militante polonesa nessa época fora a autodeterminação da Polônia. Antes de Rosa aparecer, o reestabelecimento da Polônia era um dogma apoiado nas políticas propostas por Marx e Engels em 1840. Entretanto, a realidade econômica e a vida dinâmica em todo o Império Russo já não eram mais as mesmas; a estratégia deveria, portanto, ser redirecionada. Ela mesma explica sua posição antidogmática em *A Questão Nacional e a Autonomia* (1909):

“O direito das nações” – que abarque todos os países e todos os tempos com idêntica justiça – não é outra coisa senão um clichê, uma frase metafísica, como seus análogos “direitos do homem” e “direitos do cidadão”. O materialismo dialético – fundamento do socialismo científico – eliminou definitivamente de seu vocabulário estes axiomas “eternos”.

[...] o materialismo dialético demonstrou claramente que os conteúdos reais dessas verdades, fórmulas e direitos “eternos” são impostos em cada oportunidade pelas relações materiais do meio ambiente social correspondente e de sua época histórica.

Partindo de tal base, o socialismo científico revisou todo o tesouro de clichês democráticos e de metafísica ideológica herdado da burguesia. “Democracia”, “liberdade do cidadão”, “igualdade” e outras belas frases do mesmo estilo há muito deixaram de constituir para a social-democracia atual verdades ou direitos supremos que pairam acima dos homens e dos tempos. São investigados e tratados pelo marxismo apenas como expressões de certas e definidas circunstâncias históricas, como categorias em contínua mutação de seus conteúdos materiais, e, portanto, dos valores políticos, sendo esta eterna mutação a única verdade “eterna” (LUXEMBURGO, 1988, p. 44).

Em sua fala, Rosa mostrava que na ânsia de tomar como leis naturais algumas avaliações de Marx e Engels, muitos marxistas se esqueciam do pressuposto básico da teoria: a realidade material e atual. Não à toa, quando apresentou suas ideias, teve que lidar com uma “resistência furiosa dos nacionalistas poloneses e dos

integrantes dos movimentos dos trabalhadores que se aferravam às tradições marxistas” (FRÖLICH, 2019, p. 44). É claro que, além das ideias que afrontavam os tradicionalistas, o fato de elas serem proferidas por uma mulher incomodava muito. De qualquer maneira, Rosa não recuou de seu posicionamento.

No que tange Pagu, aprendeu através das próprias experiências a “desacreditar numa esquerda viciada, dogmática e inescrupulosa” (RISÉRIO, 2014, p. 52). O PCB, partido com o qual entrou em contato, tinha uma fixação pela proletarização dos membros, e exigiu-se que a militante se tornasse operária para que fosse aceita como pessoa atuante no movimento. A tomada de consciência da autora contra esse tipo de dogmatismo não veio antes de ceder às imposições do partido. Ela própria conta seus passos quando relembra esse momento:

Fantasei-me de fato de operária. Com o meu avental de xadrez, com as mãos feridas, o rosto negro de pó, fui considerada comunista sincera. Da noite para o dia, a desconfiança desapareceu e entregaram-me tarefas de maior responsabilidade. Puseram-me em contato com os assuntos mais restritos e ilegais do Partido. Três dias de “proletarização” foram suficientes para que me escalassem para a Conferência Nacional (GALVÃO, 2005, p. 99).

Além da questão da proletarização, Pagu também criticava a visão mecanicista e imprecisa do materialismo de Marx que fora adotada pela organização do PCB. Em *Paixão Pagu, A Famosa Revista* (1945) e *Verdade e Liberdade* (1950) a autora fala sobre como o PCB, apoiado na burocratização e nas normas enrijecidas do stalinismo, parecia pretender acabar com o pensamento crítico transpondo de maneira acrítica teorias que não levavam em conta o verdadeiro ponto central das postulações marxianas.

Por conta dessa onda de dogmatização do marxismo, Rosa Luxemburgo, que formulou todo seu pensamento teórico dissociado dessas supostas “verdades absolutas e eternas”, foi considerada por Frölich como uma sucessora criativa de Karl Marx (2019, p. 49). Com a força crítica apresentada, ela conquistou muitos opositores inclusive dentro do PSP. Assim, motivada pelas divergências no partido, Rosa e Leo Jogiches lideraram a criação da Social-democracia do Reino da Polônia. Como resposta, os líderes do PSP começaram a espalhar boatos sobre Rosa. Segundo Frölich,

as suspeitas inventadas gratuitamente e as palavras grosseiras a respeito da ‘intrigueira ambiciosa’, da ‘histérica’, constituíam música

de fundo da política de Rosa Luxemburgo na Polônia, como expressão tanto do orgulho nacional ferido quanto da consciência da própria inferioridade intelectual dos adversários(2019, p. 52).

Tais acusações infundadas apenas figuram tentativas de deslegitimação do discurso político da mulher. É sabido que há um esforço histórico-ideológico em encerrar a discursividade das mulheres no âmbito do ilógico e do histérico, considerando a expressividade masculina como a única compreensível, detentora de conteúdo sólido e racional (IRIGARAY, 2017, p. 168). Pagu, assim como Rosa, também sofreu com muitas acusações que objetivavam seu afastamento do campo político. Os adversários sequer debatiam. Faziam acusações que, se bem analisadas, comumente utilizavam-se do gênero como maior alvo de ataque. A brasileira dá exemplos em muitos de seus escritos, como em *Verdade e Liberdade*, quando denuncia que o Partido passara a tratá-la como uma inútil porque “estava ‘pintada’ demais” (GALVÃO, 2014, p. 259), como se a maquiagem da artista interferisse em sua luta política. Outros eventos, como um manifesto que fora obrigada a escrever declarando que falara em um comício sem conhecimento do tema da revolução (GALVÃO, 2005, p. 91), exemplificam a tentativa de silenciamento das mulheres revolucionárias.

É notável no discurso de ambas, Rosa e Pagu, a ânsia pelas transformações mais profundas na sociedade. Por isso, talvez, não se conformavam com a postura reformista e apaziguadora que as esquerdas em geral começaram a ter em relação aos avanços capitalistas. A vontade de ação da polonesa levou-a a conclusão de que a Polônia se tornara pequena demais para suas necessidades políticas; partiu, então, para a Alemanha. Lá, novamente, sofreu tentativas de deslegitimações, assim como Pagu sofreu durante toda sua vida pública. Foi nesse momento que Rosa começou a ter que lidar com os reformistas da social-democracia alemã, com destaque para Eduard Bernstein. De acordo com Loureiro, Bernstein defendia

a tese de que o capitalismo vinha desenvolvendo mecanismos de adaptação que impediriam crises no futuro, tornando sua evolução contínua e pacífica. Nessa medida, o Partido Social-Democrata Alemão deveria deixar de lado a retórica revolucionária e investir todas as energias na luta parlamentar por reformas, pois isso fortaleceria o proletariado e o faria chegar ao poder por meios eleitorais e, portanto, pacíficos. Era necessário rever a teoria de Marx (daí o nome de revisionismo dado às suas ideias), cujo pecado central consistia no apego à dialética hegeliana, que o tinha levado a

uma série de prognósticos equivocados: fim das pequenas empresas, proletarização da classe média e dos camponeses, agravamento das crises etc. Ele concluía que a propaganda socialista não devia enfatizar o fim socialista do futuro, mas as pequenas conquistas cotidianas que melhoravam as condições de vida da classe operária (2009, p. 12).

Oposta às concepções de Bernstein, Rosa formula sua resposta à crença reformista em artigos posteriormente reunidos na brochura intitulada *Reforma social ou revolução?* (1899). Neles, a autora reflete sobre o que compreende como reforma, que, ao seu ver, não anula a necessidade de revolução. Em sua análise,

a luta cotidiana prática por reformas sociais, pela melhoria da situação do povo trabalhador no próprio quadro do regime existente, pelas instituições democráticas, constitui, mesmo para a social-democracia, o único meio de travar a luta de classe proletária e de trabalhar no sentido de atingir o objetivo final: a conquista do poder político e a abolição do sistema de assalariamento. Para a social-democracia existe uma conexão indissolúvel entre as reformas sociais e a revolução: a luta pelas reformas sociais constitui o *meio*, mas a revolução social constitui o *fim* (LUXEMBURGO, 2009, p. 13).

Vemos que o posicionamento de Rosa era contrário não às reformas, mas à perspectiva revisionista que via a erradicação das crises do capitalismo, não vislumbrando mais o fim último do socialismo. Tal ideia desconsiderava a primazia que deveria ser dada à classe trabalhadora, a qual malograria os efeitos dos reveses que esse capitalismo aparentemente sereno inevitavelmente sofreria. Pagu, por também ver os trabalhadores serem deixados de lado por interesses partidários, precisou se ocupar de crítica semelhante. Em artigo intitulado *Literatura oportunista*, Pagu expõe sua análise sobre a postura do Partido – e dos escritores pertencentes a ele – em relação a condescendência observada em suas práticas políticas. Nas duras e sarcásticas palavras da militante,

O Partido sonha e morre de amores por uma estrutura econômica ordenada num capitalismo “bonzinho”, progressista, camarada, “não reacionário”. O Partido vai embalado, numa corrida sem freios, para um colaboracionismo de classe que extingue completamente qualquer possibilidade de demonstrar a exploração do homem pelo homem, única saída para um literato “proletário” manifestar a sua febril devoção à causa operária. [...]. Dentro do campo de

concentração a que se recolheram os escritores do Partido, é fácil assinalar para onde vão os rumos da nossa literatura, se a doença continuar progredindo... Nessa nova literatura, far-se-á, forçosamente, conciliação de classes. Desenhar-se-á, portanto, o padrão-burguês de grande compreensão progressista, “liga” do operário em vez de arrancar de seu lombo a mais-valia, levando o proletário aos seus “weekends” em Petrópolis e até mesmo em Quitandinha, onde, numa tarde fortuita, o feliz construtor do progresso poderá até namorar a filha do referido burguês, acabando o romance na igreja de Caxias que o Partido vai construir e que até lá já estará funcionando... (GALVÃO, 2014, p. 186-187).

A crítica de Pagu à classe intelectual da organização é feita no sentido de que do alto de seus pressupostos conhecimentos científicos, muitos abafavam as crises capitalistas e os efeitos delas nos trabalhadores. Em resumo, não se preocupavam ou não levavam em conta a realidade palpável das massas, da classe trabalhadora. Ora, isso muito se explicava pelo formato do Partido, que via sua força motriz em uma centralização nos líderes intelectuais. Rosa igualmente criticou esse afastamento das massas, apontando que um líder ou líderes de um partido, isto é, um ultracentralismo na organização partidária, fazia com que a proposta socialista não vingasse. Para ela, o impulso deveria vir das massas, e não de uma decisão arbitrária de membros do alto escalão partidário. As críticas da polonesa no que tangencia o tema gerou algumas controvérsias com o revolucionário russo Lênin. As tensões entre as ideias de ambos se davam principalmente no que concernia à organização da social democracia já que, apesar de estarem do mesmo lado – o bolchevismo –, Lênin pressupunha a existência de uma hierarquização no partido, a divisão em diferentes órgãos e um comitê central “que responderia somente aos congressos do partido e teria atribuições políticas e organizacionais quase irrestritas” (FRÖLICH, 2019, p. 98). Rosa concordava com muitos critérios de organização proferidos pelo russo, mas profetizava que esse ultracentralismo impediria a ação autônoma das massas. Tratou sobre esse tema no texto *Questões de organização da social democracia russa* (1904), cujas palavras se concretizaram na própria experiência de Pagu, ainda que em um contexto histórico e social diferente. É compreensível, pois, a força política das postulações de Rosa. Ela explica que havia o risco de que os membros da organização se transformassem “em simples órgãos executivos de uma vontade predeterminada fora de seu próprio campo de ação, em instrumentos de um comitê central” (2009,

p. 40). Para além disso, esse ultracentralismo imputaria “a submissão absoluta e cega das células do partido às autoridades centrais e a extensão do decisivo poder dessas últimas até a mais extrema periferia da organização partidária” (LUXEMBURGO, 2009, p. 40). Rosa decididamente esclarecia a questão:

a centralização social-democrata não pode fundar-se na obediência cega, na subordinação mecânica dos militantes a um poder central. E, por outro lado, nunca se pode erguer uma parede divisória absoluta entre o núcleo do proletariado com consciência de classe, solidamente organizado no partido, e as camadas circundantes, já atingidas pela luta de classes, que se encontram em processo de esclarecimento de classe (LUXEMBURGO, 2009, p. 40).

O problema da obediência cega e da subordinação mecânica dos militantes a um poder central foi experienciado por Pagu quando integrava o PCB. A autora relata que os líderes do Partido “possuíam pregos para fincar na minha cabeça, e na ponta de cada prego a palavra SIM” (GALVÃO, 2014, p. 258). Em suas palavras, ainda conta que essas mesmas pessoas “afirmavam que o Partido estava certo, que eu precisava ceder, que eu devia me curvar à palavra de ordem: SIM” (GALVÃO, 2014, p. 258). Ela declara as consequências efetivas da ultracentralização dentro dos partidos, o que resulta em uma funcionalidade mecânica, afastada das pautas das massas, da própria ação dessas massas. Tudo isso apontado por Rosa anos antes, quando percebeu que a liderança do partido, nessa onipotência de um comitê central, desempenharia um papel conservador porque poderia acabar representando um impedimento para inovações necessárias. De fato, através da experiência de Pagu, é possível ver as formas tomadas por essa liderança que acaba se tornando conservadora na medida em que não prevê táticas que de fato desestabilizem o sistema vigente, além de se mostrar incapaz de lidar com as pautas que iam emergindo dos conflitos cotidianos, como a questão das mulheres. O PCB não apenas ignorava a agenda feminista, como também reproduzia comportamentos que fomentavam a desigualdade de gênero, como quando exigiu que Pagu fizesse “trabalhos sexuais” para que conseguissem informações que julgavam necessárias (GALVÃO, 2005, p. 126-127).

Muitos dos posicionamentos políticos de ambas as militantes eram simplesmente ignorados, talvez porque, como afirmou Franz Mehring ao discursar sobre as críticas que Rosa sofria, “essas

sangrias de mau gosto contra a cabeça mais genial que surgiu até hoje entre os herdeiros científicos de Marx e Engels, no final das contas, são motivadas pelo fato de ser uma mulher a carregar essa cabeça sobre os ombros” (MEHRING *apud* FRÖLICH, 2019, p. 154). Em *A Famosa Revista* (1945), Pagu, que sofrera igual deslegitimação tanto no campo político quanto no campo literário, parece fazer referência a esses opositores da revolucionária polonesa:

E Rosa jogou os cabelos sobre as nuvens terrosas e insistiu: ofereceu as mãos aos companheiros de infortúnio... Todos, porém, misturados com os gendarmes, os enfermeiros e carcereiros, jogavam futebol sob os refletores. E vaiavam, como vaiavam! (GALVÃO, 2014, p. 172).

Como boa leitora de mulheres que a estimulavam a lutar, a personagem construída por Pagu não poderia chamar Rosa por mera coincidência. Ao colocá-la sendo vaiada pelos “companheiros de infortúnio”, parece denunciar os “amigos” social-democratas que a perseguiram e não davam créditos às suas propostas. Enquanto atuava na Alemanha, por exemplo, Rosa se ressentiu por ver o partido dar como postura oficial o apoio à guerra, enquanto ela fizera inúmeras análises e discussões explicando o quão isso seria avassalador para os trabalhadores (FRÖLICH, 2019, p. 215). Na medida em que a Primeira Guerra transcorria, os motivos se esclareciam, e a desculpa daqueles que apoiaram o militarismo em prol de uma defesa nacional caiu por terra. Rosa explica que

Na medida em que liquidou criticamente a lenda da guerra de defesa alemã e revelou como o verdadeiro objetivo da guerra de agressão imperialista era o domínio da Turquia por parte da Alemanha, este escrito prognosticou o que desde então se confirma sempre mais a cada dia e que hoje, tendo a guerra mundial encontrado seu centro de gravidade no Oriente, aparece aos olhos do mundo inteiro (LUXEMBURGO, 2009, p. 79).

Assim, aqueles que eram contrários à guerra e à expansão imperialista se juntaram, sob liderança de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, e formaram a mais tarde reconhecida Liga Spartakus. Pouco tempo depois, a revolucionária foi presa por conta de suas ideias contrárias à guerra e por suas agitações. Depois que saiu da prisão publicou, junto com *Brochura de Junius* (1916), diretrizes para a ação revolucionária social-democrata comanda pelo grupo Spartakus. O

grupo de apoiadores foi crescendo, incentivando greves, mas o militarismo deu uma resposta. Muitos militantes da Spartakus foram detidos e as sentenças foram se tornando cada vez mais rigorosas (FRÖLICH, 2019, p. 234-235). Rosa acabou presa de novo em julho de 1916, e só conseguiu a liberdade em novembro de 1918.

Enquanto isso, eclodira a Revolução Russa de 1917. Os bolcheviques tomaram o poder, mas, de dentro do cárcere, Rosa temia que a contrarrevolução internacional vencesse os revolucionários russos. Para ela a Revolução só venceria se outros países iniciassem seus movimentos de massa e, por isso, se mostrava ansiosa para que ocorresse a revolução alemã. Ela reconhecia todos os êxitos dos bolcheviques, mas ponderava dizendo que nenhuma tática deveria ser tomada como regra pelos alemães, afinal de contas, estavam eles inseridos em uma outra realidade histórica (FRÖLICH, 2019, p. 250). Essa “desatenção” histórica poderia impedir a concretização da finalidade socialista. De novo, Pagu amargou os resultados daquilo que Rosa outrora postulara. O PCB transpunha mecanicamente as proposições dadas pela III Internacional Comunista². Com o advento do stalinismo, a organização sofreu forte burocratização, e foi nesse momento que Pagu experienciou toda a situação. Os trabalhos no PCB desconsideravam as particularidades do desenvolvimento capitalista no Brasil e, portanto, pouco afetavam o sistema de modo direto e eficaz.

Ainda na prisão, Rosa temia que esses impasses táticos fizessem com que a revolução alemã chegasse tarde demais para salvar a russa, já que os impulsos revolucionários poderiam perder o fôlego e ceder à contrarrevolução. Quando foi solta, a polonesa voltou à ativa mesmo com a saúde abalada. É certo que compartilhava a visão de Pagu: “O marxismo. A luta de classes. A libertação dos trabalhadores. Por um mundo de verdade e justiça. Lutar por isso valia uma vida. Valia a vida” (GALVÃO, 2005, p. 81). Atuando mais enfaticamente pela Liga Spartakus ao lado de Liebknecht, passaram ambos a serem vítimas de perseguições políticas violentas. No dia 15 de janeiro de 1919, foram presos e assassinados brutalmente. Pagu, que sobrevivera a toda investida física e moral contra si, ao sair de sua última prisão, declarou:

² Criada por Lênin em 1919, objetivava a reunião dos partidos comunistas de diferentes países com vistas à adoção dos projetos soviéticos ao redor do mundo. Propunham a luta contra o imperialismo estadunidense e contra as burguesias locais. Visando resolver o problema da internacionalidade, a organização não se atentou para as especificidades de cada país, estabelecendo as mesmas táticas utilizadas pelos soviéticos.

Outros se mataram. Outros foram mortos. Também passei por essa prova. Também tentaram me esganar em boas condições.

Agora, saio de um túnel.

Tenho várias cicatrizes, mas ESTOU VIVA

(GALVÃO, 2014, p. 260).

Após isso, Pagu não desistiu da luta. Se tornou crítica ferrenha do regime stalinista – coisa que, caso Rosa estivesse viva, decerto também seria. Pelo menos é o que todos os seus apontamentos críticos indicavam. Se vê, pois, uma confluência de pensamentos entre as autoras. E mais: a confluência do pensamento de Rosa na experiência viva de Pagu. É isso, afinal, que de Rosa há em Pagu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inúmeras as semelhanças e dissonâncias entre Pagu e Rosa as quais certamente poderiam compor um estudo extenso acerca dos influxos das mulheres revolucionárias do período das Revoluções Russas nas militantes brasileiras do século passado. Em um momento em que o partidarismo se consolidava na América Latina (RAMA, 2015, p. 88), importaram as experiências das mulheres em locais nos quais a luta pelo poder central já vinha de algum tempo. A partir de seus exemplos, muitas mulheres viram ser possível, não sem muita dificuldade, integrar um campo dominado pelos homens, isto é, o campo político.

Mesmo com muitas diferenças de formação e atuação política, Rosa e Pagu compartilhavam o ímpeto pela prática, pela luta direta, pelo combate, pela ação efetiva em prol da causa dos trabalhadores. As duas se entediavam com grupos que se mantinham em uma espécie de zona de conforto intelectual, apartados das massas, sem efetuarem crítica alguma aos dogmas estabelecidos em outros tempos. A concretização do socialismo era, de fato, o que elas almejavam. Frölich diz que para Rosa

o socialismo não era apenas uma esperança, mas a meta de uma vontade indômita de agir. Por isso estava disposta a levar o conhecimento até as últimas consequências! Mesmo quando essas consequências podiam ferir seus sentimentos, nunca lhe ocorreu afastar o cálice (2019, p. 199).

Pagu também jamais desistiu da causa que acreditava, mesmo diante das situações degradantes e humilhantes as quais fora submetida. Quando se desvencilhou do PCB foi por perceber os

abusos do partido e as falhas de interpretação da teoria e prática socialista. Não obstante, nunca deixou de combater o sistema capitalista dominante, fazendo-se valer da crítica e da análise histórica em suas produções artísticas. Uma crítica do impacto da estrutura do capital na vida dos trabalhadores, com maior destaque às mulheres proletárias, é feita em seu primeiro romance, intitulado *Parque Industrial* (1933). Pela temática de cunho anticapitalista e feminista, além da própria autora representar essas concepções, tal obra é pouco conhecida e discutida dentro do campo literário brasileiro. Independentemente disso, traz a força não só ser o primeiro romance proletário do Brasil, mas também de evidenciar o entendimento da conjuntura político-social de sua época.

Dada as nuances dos contextos de atuação, quase tudo que Pagu escreveu foi entendido como polêmico. Além de evidenciar os horrores sofridos pelas mulheres nas fábricas de São Paulo em *Parque Industrial*, denunciou os abusos do PCB em *A Famosa Revista*(1945) e em *Verdade e Liberdade*(1950), pôs em xeque a consciência social dos antigos companheiros ao narrar-se em *Paixão Pagu* – escrito em 1940, mas publicado postumamente em 2015, o texto retrata a inconsistência da militância de muitos colegas a partir de sua experiência –, e, ademais, criticou o feminismo elitista que despontava no Brasil em artigos e ilustrações publicadas na coluna *A Mulher do Povo*, do jornal organizado por ela e Oswald, *O Homem do Povo* (1931). Rosa, como vimos, quase sempre respondia os opositores e firmava seus pensamentos em seus polêmicos escritos, como os artigos compilados em *Reforma social ou revolução?* (1899) e o forte *Greve de massas, partido e sindicatos* (1906), no qual expôs sua convicção de que a revolução deve partir das massas, e não de grupos que pretendem organizá-la através de táticas armamentistas ou de debates intelectuais. É claro que esse posicionamento gerou um mal-estar naqueles que se pretendiam os “organizadores” de revoluções.

Enfim, duas mulheres resistentes e enérgicas em suas proposições. As opiniões e a militância crítica as levaram para a prisão muitas vezes, mas nem por isso deixaram de lutar. Em tempos tão sombrios quanto os de hoje, é sempre bom reafirmarmos nossas perspectivas de luta e ação. Por mais ameaçadas e acuadas que nos sintamos, são mulheres como Rosa Luxemburgo e Patrícia Galvão, a integração entre suas ideias e práticas, que nos inspiram a continuar e a resistir todos os dias. Que a revolução iniciada por elas outrora possa ser conquistada por nós e pelas próximas gerações. Seguiremos vivas umas nas outras.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Diana. Prólogo à edição brasileira. In: FRÖLICH, Paul. *Rosa Luxemburgo: pensamento e ação*. Tradução Nélio Schneider e Erica Ziegler. São Paulo: Boitempo: Iskra, 2019, p. 9-12.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FRÖLICH, Paul. *Rosa Luxemburgo: pensamento e ação*. Tradução Nélio Schneider e Erica Ziegler. São Paulo: Boitempo: Iskra, 2019.
- GALVÃO, Patrícia. Literatura oportunista. In: CAMPOS, Augusto de (Org.). *Pagu: vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 186-188.
- _____. *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- _____. Verdade e Liberdade (excerto): Por que aceitei voltar. In: CAMPOS, Augusto de (Org.). *Pagu: vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 255-260.
- _____; FERRAZ, Geraldo. A Famosa Revista (excertos). In: CAMPOS, Augusto de (Org.). *Pagu: vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 169-180.
- HUDIS, Peter; ANDERSON, Kevin B. Introduction. In: _____ (Orgs.). *The Rosa Luxemburg Reader*. New York: Monthly Review Press, 2004, p. 7-31.
- IRIGARAY, Luce. *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher*. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Senac São Paulo, 2017.
- JOVIANO, Lucia Helena da Silva. *Pagu: escritos literários e inscrições históricas*. 2014. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/608>>. Acesso em: 21 mar. 2019.
- KONDER, Leandro. *Os sofrimentos do homem burguês*. São Paulo: Senac, 2000.
- LOUREIRO, Isabel. Apresentação. In: _____. *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. Tradução Isabel Loureiro. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 7-10.
- LÖWY, Michael. Introdução. In: _____. (Org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 9-64.

LUXEMBURGO, Rosa. A acumulação do capital (1913). In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. Tradução Isabel Loureiro. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 67-76.

_____. A crise da social-democracia (brochura de Junius) (1916). In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. Tradução Isabel Loureiro. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 77-100.

_____. A Questão Nacional e a Autonomia. Tradução Antonio Roberto Bertelli. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.

_____. Greve de massas, partido e sindicatos (1906). In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. Tradução Isabel Loureiro. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 47-66.

_____. Questões de organização da social-democracia russa (1904). In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. Tradução Isabel Loureiro. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 37-46.

_____. Reforma social ou revolução? (1899). In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. Tradução Isabel Loureiro. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 11-36.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011 [1852].

_____; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Luis Claudio de Castro Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1845].

_____. *Manifesto Comunista*. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005 [1848].

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

RISÉRIO, Antônio. *Pagu: vida-obra, obravida, vida*. In: CAMPOS, Augusto de (Org.). *Pagu: vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 32-55.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Mulheres educadas e a educação de mulheres*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 278-300.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TEIXEIRA, Lúcia Maria. *Pagu – Patrícia Galvão*. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (Orgs.). *Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2016.

Recebido em 21/03/2019

Avaliado em 27/09/2019

